

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Ivanildo Leônico Macedo de Souza

História da Associação de Subtenentes e Sargentos da Polícia
Militar do Rio Grande do Norte (1936-2003).

Natal/2005



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**História da Associação de Subtenentes e Sargentos da Polícia
Militar do Rio Grande do Norte (1936-2003).**

Ivanildo Leôncio Macedo de Souza

*Monografia apresentada e aprovada de
Fase de História II do Curso de
Licenciatura em História da Universidade Federal do Rio
Grande do Norte, sob orientação da
professora Doutora Maria da Conceição
Fogaça.*

Natal/2005

IVANILDO LEÔNICO MACEDO DE SOUZA

**História da Associação de Subtenentes e Sargentos da Polícia
Militar do Rio Grande do Norte (1936-2003).**

Monografia apresentada à disciplina de **Pesquisa Histórica II** do Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob orientação da Professora Doutora Maria da Conceição Fraga.

NATAL/2005

Dedico este trabalho para a minha
esposa Josélia e minha filha
Amanda. As duas paixões da minha
vida.

(Paulo Freire)

AGRADECIMENTOS

A DEUS, o qual me fez ter força e determinação para vencer mais esta etapa de minha vida.

Aos meus pais, José Iyandó de Souza (In Memoriam) e Francisca Salomé Macedo de Souza, que me fizeram ser o homem que sou hoje.

A professora Maria da Conceição Fraga, minha orientadora, pela amizade, apoio, dedicação e compreensão no acompanhamento da pesquisa.

A professora Francisca Assete Guão pela Orientação sobre as normas técnicas de apresentação da monografia.

AO subtenente PM Júlio Ribeiro da Rocha, pela entrevista e indicação das fontes para a pesquisa.

A sargento Mary Regina dos Santos Costa, presidente da Associação de Subtenentes e Sargentos, pela contribuição para o trabalho monográfico.

Enfim, a todas as pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho, meus sinceros agradecimentos.

Um homem que não luta
pelos seus direitos não é digno
deles.

(Paulo Freire)

AGRADECIMENTOS

A DEUS, o qual me fez ter força e determinação para vencer mais esta etapa de minha vida.

Aos meus pais, José Ivanildo de Souza (In Memórian) e Francisca Salomé Macedo de Souza, que me fizeram ser o homem que sou hoje.

A professora Maria da Conceição Fraga, minha orientadora, pela amizade, apoio, dedicação e compreensão no acompanhamento da pesquisa.

A professora Francisca Aurinete Girão pela Orientação sobre as normas técnicas de apresentação da monografia

Ao subtenente PM Júlio Ribeiro da Rocha, pela entrevista e indicação das fontes para a pesquisa.

A sargento Mary Regina dos Santos Costa, presidente da Associação de Subtenentes e Sargentos, pela contribuição para o trabalho monográfico.

Enfim, a todas as pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho, meus sinceros agradecimentos.

INTRODUÇÃO

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
1 O SINDICALISMO TRANSFORMANDO AS LUTAS SOCIAIS	10
1.1 A Revolução Industrial: Mudança na Estrutura Social	10
1.2 Os Primeiros Sindicatos: O Início das Lutas	12
1.3 Sindicalismo no Brasil	18
2 SINDICALISMO NO RN E O INÍCIO DA ORGANIZAÇÃO SINDICAL DOS POLICIAIS MILITARES NO ESTADO	28
2.1 Criação da Associação de Subtenentes E Sargentos	36
2.2 Antecedentes da Greve da Polícia Militar em 1963	38
2.3 O Início da Greve	43
2.4 A Tomada do quartel da PM	47
3 A ASSOCIAÇÃO DE SUBTENENTES E SARGENTOS E AS LUTAS DOS POLICIAIS MILITARES NO RN	52
3.1 Antecedentes da Greve de 1992	52
3.2 O Aquartelamento da Tropa	57
3.3 A Polícia Militar e Antecedentes da Greve de 2003	69
3.4 Início da Paralisação de 2003	72
CONCLUSÃO	77
FONTES/BIBLIOGRAFIA	79
ANEXOS	84

INTRODUÇÃO

Os sindicatos surgiram na Inglaterra em meados do séc. XVIII com a Revolução Industrial, seu objetivo, a princípio, era combater as explorações nas fábricas. No começo estes sindicatos foram duramente reprimidos, tendo maior força de reivindicação após uma lei votada em 1824 pelo parlamento inglês onde houve o direito de livre associação, criando assim as uniões sindicais - Trade Unions – que se desenvolveram por toda à Inglaterra.

O sindicalismo no mundo evoluiu durante todo o século XIX, onde houve diversas revoluções na Europa e no século XX, com a Revolução Russa e as duas grandes Guerras, existindo assim, toda uma mudança política, econômica e social, afetando significativamente a vida dos trabalhadores no mundo, observamos que os sindicatos acompanharam todo este processo evolutivo do trabalho até os dias de hoje.

A história política do Brasil independente começa a tomar maiores contornos com a constituição de 1824, onde há a formação dos poderes Executivo, Legislativo, Judiciário e Moderador. Logo após no período regencial, há a formação de órgãos legislativos nas províncias bem como os Corpos Policiais constituindo assim uma organização política nas províncias. Assim, apesar do país ser escravista, começa a surgir em meados do séc. XIX organizações de trabalhadores que a princípio eram Associações de Socorro e Auxílio Mútuo, transformando-se posteriormente nas Uniões Operárias.

A mudança significativa no sindicalismo brasileiro se dá após a revolução de 1930, quando no governo Getúlio Vargas é criado o Ministério do Trabalho e com ele a Consolidação das Leis Trabalhistas - CLT, havendo uma política definindo os sindicatos como órgãos de cooperação do governo, tendo o Estado controle sobre estes. Após o Estado Novo, mais precisamente em 1946, há uma ampliação nos movimentos sindicais que vem a

ser interrompida com o golpe de 1964, sendo retomada a luta sindical no Brasil após 1978 com as greves dos metalúrgicos paulistas nas cidades de Santo André, São Bernardo e São Caetano - ABC paulista, se consolidando em 1988 quando é promulgada a Constituição.

A pesquisa proposta enfatiza a luta sindical dentro da Polícia Militar que historicamente é uma força repressora dos trabalhadores, e por ser uma organização militar é proibida pela Constituição e por seu Código de Disciplina de fazer greve. A partir deste contexto tomamos como objetivo: analisar como surgiu o sindicalismo a partir da sociedade industrial; investigar o surgimento do sindicalismo dentro da Polícia Militar do Rio Grande do Norte e suas entidades sindicais e estudar como se deu as greves dos policiais militares ocorridas em 1963, 1992 e 2003.

O trabalho proposto, além de mostrar um panorama geral do sindicalismo no Mundo, no Brasil e no Rio Grande do Norte mostrará a fundação da Associação de Subtenentes e Sargentos, que se deu em 1936 com o nome de Sociedade Beneficente dos Sargentos da Polícia Militar, mostrando sua participação nos movimentos grevistas de 1963, 1992 e 2003, como também sua importância para a formação da cidadania dentro da corporação, para isto utilizarei a bibliografia que fala sobre sindicalismo como: "O Que É Sindicalismo" de Ricardo L. C. Antunes, onde o autor mostra a Origem do sindicalismo no Mundo e no Brasil; "O Que É Estrutura Sindical" de Vito Giannotti, onde o autor aborda toda a estrutura sindical existente durante a história do país. Utilizarei também bibliografia de autores do Rio Grande do Norte como: "Trabalhadores Sindicatos e Cidadania, O Nordeste em tempos de Vargas" de Brasília Carlos Ferreira, onde a autora mostra a luta dos trabalhadores e sua reação à política sindical de Vargas; "Histórias que não estão na História" de José de Anchieta Ferreira, mostrando em um de seus capítulos a greve da Polícia Militar em 1963; "História do Batalhão de Segurança" de Rômulo Wanderlei, que apesar de não

falar sobre a fundação da Associação de Subtenentes e Sargentos, bem como o movimento reivindicatório de 1963, é de fundamental importância, pois traz parte da história da Polícia Militar que compreende de 1834 a 1968. A pesquisa deste tema está relacionada ao campo de estudo da História Política, bem como se relaciona com a História Econômica, pois desde sua fundação a Associação de Subtenentes e Sargentos teve Participação em três paralisações que tinha como principal reivindicação a questão salarial.

Pode-se dizer que a escassez de documentos dificultou bastante à pesquisa proposta sobre a Associação de Subtenentes e Sargentos, mas conseguimos contornar as dificuldades com os relatos orais dos policiais da ativa e os da reserva (aposentados) tive acesso a documentos como o diário oficial que fala de sua legalização como entidade de cunho civil em 1946, sendo esta a mais antiga Associação da Polícia Militar do Rio Grande do Norte. Consultaremos também os jornais que circulavam na época para falar sobre os movimentos paredistas bem como o papel da associação nestas reivindicações.

Assim para apresentação da monografia, dividi o texto em três capítulos: O primeiro capítulo falarei sobre como surgiu o sindicalismo no mundo, abordando as transformações que sofreu no campo político e econômico e social se estendendo até o início do século XXI, no mesmo capítulo analisaremos como o sindicalismo se originou no Brasil e sua importância e evolução na história do nosso país, estendendo-se até os dias atuais.

O segundo capítulo abordarei a origem e a evolução do sindicalismo no Rio Grande do Norte, mostrando como se deu esta formação dos sindicatos de trabalhadores em nosso Estado, bem como a formação da Associação de Subtenentes e Sargentos em 1936 e sua participação no movimento grevista dos policiais em 1963, e suas consequências para os policiais que participaram deste movimento.

O terceiro capítulo falarei sobre a participação da Associação Subtenentes e Sargentos nos movimentos grevistas de 1992 e 2003, onde a mesma teve, juntamente com outras associações de policiais militares criadas após esta entidade e a importância para o desenrolar dos acontecimentos onde culminou, no caso de 1992, diversas prisões e expulsões de policiais militares da corporação, registro ainda o fato de que o mesmo não ocorreu no movimento paredista de 2003.

Interior de uma fábrica de tecidos na Inglaterra em 1833.

A Revolução Industrial teve papel preponderante para a mudança social ocorrida, a partir da Inglaterra, em meados do séc. XVIII, com expansão da evolução das fábricas e com o surgimento de máquinas (mecanização), como também pelas relações sociais de produção capitalistas baseado sobre uma base parte dos trabalhadores. Este sistema desenvolveu-se rapidamente tornando-se que os donos das fábricas tiveram lucros avultosos sobre os operários. É a partir da Revolução Industrial que surge duas novas classes sociais: capitalistas e proletários, assim descrito por Ricardo L. C. Anderson:

Não é o trabalho a divisão de classes, mas a propriedade, e os sistemas de duas classes fundamentais e antagonistas que caracterizam a sociedade capitalista. De um lado os capitalistas que são proprietários de meios de produção como máquinas, matérias-primas etc. E que vivem da exploração da grande massa de população, e do outro lado os proletários que se caracterizam privados de toda a propriedade e dos meios de produção que só dispõem de sua força de trabalho para se valer de sua capacidade de produzir.

1 O SINDICALISMO TRANSFORMANDO AS LUTAS SOCIAIS

1.1 A Revolução Industrial: Mudança na Estrutura Social



Interior de uma fábrica de tecidos na Inglaterra em gravura de 1835.

A Revolução Industrial teve papel preponderante para a mudança social ocorrida, a princípio na Inglaterra, em meados do séc. XVIII, com expansão da evolução das fábricas e com emprego das máquinas (Maquinismo), como também pelas relações sociais de produções assalariadas afetando assim uma boa parte dos trabalhadores. Este sistema desenvolveu-se prodigiosamente fazendo com que os donos das fábricas tivessem lucros avultosos sobre os operários. É a partir da Revolução Industrial que surge duas novas classes sociais: capitalistas e proletários, assim descritos por Ricardo L. C. Antunes:

Neste momento a divisão de classes atingiu sua plenitude; constituindo as duas classes fundamentais e antagônicas que compõem a sociedade capitalista. De um lado os capitalistas que são proprietários do meio de produção como máquinas, matérias primas etc. E que vivem da exploração da grande massa da população, e do outro lado os proletários que se encontram privados de toda a propriedade e dos meios de produção que só dispõe de sua força de trabalho isto é de sua capacidade de produzir¹.

¹ ANTUNES, Ricardo L. C. **O que é sindicalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 11.

Observa-se através dos estudos que a situação dos operários era bastante difícil, para não dizer desumana, pois recebiam baixos salários e trabalhavam até 16 horas diárias, vivendo em condições insalubres. É neste aspecto que começam as primeiras reações do proletariado, assim definida por Friedrich Engels: *“a primeira forma, a mais brutal, que esta revolta assumiu foi o crime, pois o operário vivia na miséria e na indigência e via outros que gozavam de situação melhor, e por outro lado, a necessidade venceu o respeito inato pela propriedade-começando a roubar. Mas em breve os operários tiveram que constatar a ineficácia desse método, pois com seus roubos, os delinquentes não poderiam protestar contra a sociedade senão isoladamente, individualmente; assim todo poderio da sociedade caía sobre o criminoso e o esmagava-o com sua enorme superioridade”*². Também anteriormente a organização sindical, dentro das fábricas surgiu o Ludismo na Inglaterra, que visava à destruição das máquinas nas fábricas, ocupando nos últimos anos do século XVIII uma espécie de defesa dos trabalhadores contra a exploração dos patrões. Mas o que para muitos era só um movimento desesperado e desorganizado abriu precedente para os primeiros movimentos organizados dos trabalhadores contra as condições desumanas as quais estavam submetidos. Eric J. Hobsbawm assim define o movimento ludista:

Chegamos agora ao último e mais complexo problema: qual a eficácia da destruição das máquinas? É justo afirmar, acho eu, que a negociação coletiva através do tumulto foi pelo menos tão eficiente como qualquer outro meio de exercer pressão sindical, e pelo menos e provavelmente mais eficiente do que qualquer outro meio disponível antes da era dos sindicatos nacionais para grupos tais como os tecelões, marinheiros e mineiros³.

Assim, com o advento da Revolução Industrial, as condições econômicas e sociais mudaram radicalmente, pois no campo econômico esta revolução completou o processo de transição do feudalismo para o capitalismo na Europa, o que antes era produzido

² ENGELS, Friedrich, **A situação da Classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo, Global, 1986. p. 242.

³ HOBSBAWM, Eric J. **Os trabalhadores**: estudo sobre a história do operariado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. p. 26.

manualmente passou a ser produzido em grandes escalas, causando bastantes benefícios para os capitalistas donos das fábricas.

Em contra partida a situação dos trabalhadores piorou, pois estes eram submetidos às longas jornadas de trabalho e condições precárias, além dos salários baixos que eram oferecidos pelos patrões, foi nestas condições que começam a surgir as primeiras formas de organização da classe trabalhadora que posteriormente vão se transformar nos sindicatos, e se espalham por toda a Europa defendendo o direito de seus associados e exigindo melhores condições de trabalho para estes.

1.2 Os Primeiros Sindicatos: O Início das Lutas

Os sindicatos surgiram na Inglaterra em meados do séc. XVIII, com a Revolução Industrial, seu objetivo a princípio, era combater as explorações nas fábricas. No começo estes sindicatos foram duramente reprimidos, tendo maior força de reivindicação após uma lei votada em 1824 pelo parlamento inglês onde obtiveram o direito de livre associação.

Foi de grande importância a lei votada em 1824 pelo parlamento inglês, onde se conquistou o direito que até então era restrito as classes dominantes: a livre associação. Na realidade as associações sindicais já existiam na Inglaterra desde o século anterior, mas eram violentamente reprimidas no desempenho de suas atividades, o que dificultava a organização dos trabalhadores.

Com a conquista do direito de livre associação, as Uniões Sindicais- Trade-Unions- como chamam os ingleses, desenvolveram-se por toda a Inglaterra, tendo destaque na criação dessas uniões sindicais Robert Woen, industrial que se tornou um dos percussores do

socialismo utópico inglês. As Trade-Unions tornaram-se bastantes poderosas nas suas localidades⁴.

Mesmo com a lei de 1924 as Uniões Sindicais sofreram bastantes dificuldades para se estabelecerem, o que só veio ocorrer com o tempo quando saíram dos seus âmbitos locais como simples uniões locais para se unirem em sindicatos únicos o que possibilitou para os operários um fortalecimento perante os patrões. Maurice Dobb, assim define este momento do sindicalismo: *“E só quando um grupo de dirigentes sindicais com larga visão conseguiu formar os sindicatos nacionais com finanças centralizadas, nas décadas de 1850 e 1860, pela amálgama dos heterogêneos clubes de ofícios locais, se estabeleceram as linhas fundamentais da organização sindical moderna* (Dobb, Maurice. Op. Cit. p.162). Os novos sindicatos foram denominados na época de o “Novo Modelo” que; mais tarde no mesmo século foram chamados de “O Velho Sindicalismo”⁵.

O “Velho Sindicalismo” como fala o autor eram as uniões nacionais que funcionavam como os velhos clubes de ofícios e não tutelavam categorias inferiores, ou seja, operários não especializados. Os adeptos do chamado velho sindicalismo rejeitavam a greve e preferiam à negociação mista com os empregadores. Em contrapartida nasce no final do século XIX. “O Novo Sindicalismo” que é formado por trabalhadores não especializados que se organizaram através de sindicatos tais como: Sindicatos dos Estivadores, Sindicatos dos Trabalhadores, Sindicato dos Trabalhadores em Gás, Sindicatos dos Marítimos entre outros”⁶.

Com isto o movimento sindical é influenciado por teorias que surgiram no decorrer do século XIX e que vão influir diretamente no movimento sindical, são estas: as teorias Anarquista, o Marxismo e o Socialismo.

Durante todo o século XIX o sindicalismo acompanhou a evolução do movimento operariado sendo influenciado por toda instabilidade que ocorria neste período no continente

⁴ ANTUNES, Ricardo L. C. O que é sindicalismo . p.17

⁵ DOBB, Maurice. **Os Salários**. São Paulo. Cultrix.1982.p.162

⁶ Ibid. p.165-166.

européu, ocasionada pela expansão da industrialização nos países da Europa, bem como a evolução do movimento operário nos diversos países inseridos neste continente.

Houve com isso o surgimento de várias correntes sindicais tais como: O Sindicalismo Revolucionário, originário a princípio na França e Itália, o Sindicalismo Anarquista, que teve Bakum, Proudhon e Kropotkin como principais formuladores desta concepção, outra corrente sindical é a reformista que defende uma simples melhoria no movimento dentro do sistema capitalista: o maior exemplo desta corrente é o sindicalismo norte americano⁷.

No séc. XX, vários acontecimentos vão atingir profundamente o movimento operariado tais como: a Primeira Grande Guerra, onde a Europa passa por profundas transformações, A Revolução Russa onde se tem uma queda do velho regime russo czarista e uma ascensão do operariado no poder, onde através da Revolução Russa tornou-se necessário alterar a função dos sindicatos que são assim descritos por Lenin: *os sindicatos tornaram-se uma organização que dá instrução, uma escola de governo, uma escola de administração, enfim, uma escola de comunismo*⁸.

No período entre Guerras há uma evolução do Nazismo na Alemanha e o Fascismo na Itália respectivamente nas décadas de 20 e 30 do século passado. Que vão mexer profundamente com a estrutura sindical. Na Itália houve a criação do sindicalismo corporativista que surgiu com o advento do fascismo, seu aparecimento foi possível através da violenta representação ao movimento sindical e ao operário antifascista, acabando com as verdadeiras lideranças operárias, além de uma prática de intensa manipulação das massas operárias. Assim Mussolini decretou a Carta Del Lavoro que organizou os sindicatos italianos

⁷ ANTUNES, Ricardo L. C. O que é sindicalismo. p.25

⁸ LENIN. *Sobre os Sindicatos*, Rio de Janeiro: Ed. Vitória, 1961.

nos moldes corporativistas: as corporações tornaram-se subordinadas e dependentes ao Estado Fascista⁹.

Na Alemanha as sedes dos sindicatos Marxistas são ocupadas por tropas de proteção – SS, e das tropas de assalto - SA¹⁰. Os chefes sindicalistas são presos, e seus bens são confiscados. A classe operária perde todos seus direitos a greve é proibida e os trabalhadores são submetidos a um sindicato único¹¹.

Aliado a isto no aspecto econômico o mundo passa pela crise de 1929, onde “a integração das economias capitalistas foi responsável pela difusão da crise por todo mundo. A redução do volume do comércio internacional para apenas um terço do que era antes do de 1929 comprova a dimensão da crise internacional”¹².

Observa-se que este período foi bastante conturbado não só para a política, mas também para a economia mundial abalando sensivelmente as estruturas sociais incluindo-se neste contexto as organizações sindicais.

Durante a década de 1930 o mundo passa pela ascensão do nazismo na Alemanha e o fascismo na Itália, a Europa sofre várias transformações sociais até eclodir a Segunda Guerra Mundial, após a Segunda Guerra se tem a reconstrução de Europa e a criação da Organização das Nações Unidas - ONU. Tendo neste período o plano Marshall que foi assinado em 1948, é também na década de 40 do século XX que começa a guerra fria entre os Estados Unidos e União Soviética.

Este clima de guerra fria permeou durante toda a década de 50 e 60 do século passado, o conflito entre comunistas e capitalistas que se espalhou por todo o mundo principalmente na América Latina e Ásia.

⁹ ANTUNES, Ricardo L. C. O que é sindicalismo . p.28

¹⁰ O Nazismo Apoiava-se em organizações paramilitares, a SA (Guarda do Exército) e SS (guarda especial) e Gestapo (polícia política).

¹¹ MANSSON, Philippe. Hindenburg cede lugar a Hitler. **História Viva**. São Paulo, ano 01, nº 08. p 67-69, jun. 2004.

¹² Marques, Adhemar e Martins. **História contemporânea através de Textos**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

A luta dos operários no início da década de 1970 é vivenciada por uma crise estrutural do capital, se abatendo nas economias capitalistas. Esta crise teve grandes conseqüências, o capitalismo desencadeou um processo de reestruturação visando à recuperação do ciclo de reprodução do capital e que afetou fortemente o mundo do trabalho.

É neste período que o mundo do trabalho vivenciou uma situação crítica, talvez a maior desde o nascimento da classe trabalhadora e do próprio movimento operário inglês. Uma vez que, neste mesmo período, ocorrem intensas transformações, de ordens diferenciadas, e que no seu conjunto, acabaram por ocorrer conseqüências muito importantes no interior do movimento operário, e no que concerne o movimento sindical.¹³

Com a expansão do neoliberalismo no final dos anos 70, houve um processo de regressão da social-democracia, passando a atuar de maneira muito próxima da agenda neoliberal. O neoliberalismo ditou o ideário e os programas a serem implementados pelos países capitalistas, inicialmente ocorreu no centro das economias capitalistas e com o tempo nos países periféricos, contemplando assim reestruturação produtiva, com privatização acelerada, políticas fiscais e monetárias sintonizadas com os organismos mundiais, como o Fundo Monetário Internacional - FMI e o Banco Interamericano de Desenvolvimento - BIRD, causando assim um enxugamento do Estado, retirando os direitos sociais dos trabalhadores, combatendo o sindicalismo classista, que é uma aversão direta ao sindicalismo comunista sendo esta contrária aos valores e interesses do capital.

Podemos considerar como inauguradores do modelo neoliberal os governos de Margareth Thatcher, na Inglaterra, e Ronald Reagan, nos Estados Unidos, no início dos anos 1980, quando ocorrem profundos cortes de investimentos sociais, e percebemos a partir do estudo, uma grande preocupação com a formação de Blocos Econômicos que ajudaram a

¹³ ANTUNES, Ricardo L. C. **Adeus ao trabalho?** (ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho). São Paulo: Cortez, 1995.

suprimir gastos com a circulação de produtos e capitais. No entanto, os setores estratégicos das economias norte-americana e inglesa continuaram apoiados em medidas protecionistas.¹⁴

E mais, ainda como consequência do fim do chamado bloco socialista, os países capitalistas centrais retiraram gradativamente os direitos e as conquistas sociais dos trabalhadores.

Portanto, com o desmoronamento da URSS e do Leste Europeu, no final dos anos 80, teve enorme impacto no movimento operário. Bastaria somente lembrar a crise que se abateram nos partidos comunistas tradicionais, e no sindicalismo a eles vinculados.¹⁵

Na década de 1990 as idéias neoliberais encontram porto seguro no processo denominado de globalização, que se espalhou pelos quatro cantos do mundo. Este fenômeno é entendido, pelos pesquisadores que a estudam, como uma queda nas barreiras alfandegárias dos países, das cidades, dos continentes, estabelecendo, pelo menos em princípio, padrões mundiais de consumo e de idéias. Sendo este um processo contemporâneo ancorado em nas novas formas de tecnologia, na rapidez do trânsito de informações, estabelecendo assim, padrões mundiais de consumo e de idéias, técnicas, produtos, padrões, estilos de vida e ideologias.

Esta idéia neoliberal associada com a globalização, transforma substancialmente o mercado de trabalho durante toda a década de 1990 e início do século XXI, havendo uma queda do número de trabalhadores sindicalizados em todo o mundo trazendo assim novos desafios para os trabalhadores no séc. XXI.

¹⁴ SETTI, Gabriel Augusto Miranda. A hegemonia neoliberal e o Capitalismo contemporâneo. *Revista Urutáguia*. Maringá, v.1 n° 5, p22. jan, fev, mar e abril de 2004, revista trimestral.

¹⁵ ANTUNES, Ricardo L. C. *As Dimensões da crise no mundo do trabalho*. Disponível em «<http://www.oohonahistoria.ufba.br/>». Acesso em: 14 de ago. 2005

1.3 Sindicalismo no Brasil

O surgimento sindical no Brasil ocorreu em função das necessidades impostas à classe trabalhadora com a consolidação do capitalismo no país em meados do século XIX. A sua ascensão se deu a partir da criação das Sociedades de Socorro e de Auxílio Mútuo, cuja principal finalidade era amparar o trabalhador associado em momentos de dificuldades. Assim estas sociedades são percussoras do sindicalismo no país.

Para Ricardo L. C. Antunes a partir destas organizações mutualistas se sucederam às uniões operárias, que por sua vez com o advento da indústria, passaram a se organizar em ramos de atividades, dando origem aos sindicatos¹⁶.

Ainda durante o II Império, mais precisamente em 1858, foi deflagrada a primeira greve no país, a dos tipógrafos do Rio de Janeiro reivindicando aumento de salário e medidas contra as injustiças patronais obtendo êxito em suas reivindicações.

Já no início da República, o Brasil passa por um período de bastante agitação tanto no campo social como no campo político, Helio Silva assim define o início do governo na república:

O que mais perturbou a república no seu nascedouro foi à formação heterogênea do governo provisório. Os revolucionários vencedores provinham de várias escolas filosóficas. Estavam unidos na causa comum que tinha sido a queda do império. Deodoro que havia encabeçado o governo ditatorial que se estabelecera, representava o poder que tinha derrubado o trono. Os demais cada um representava uma faceta - Benjamim Constant, Quintino Bocaiúva, Rui Barbosa, Wandenkock, Campos Sales e Demétrio Ribeiro, Aristides Lobo¹⁷.

O cenário político em que vivia a república começou a florescer as lutas sindicais, pois o clima republicano abriu espaço para a firmação da classe trabalhadora, em 1892 houve o I Congresso Socialista Brasileiro, cujo objetivo não foi atingido que era a criação do

¹⁶ ANTUNES, Ricardo L. C. O que é sindicalismo . p.48

¹⁷ SILVA, Helio. **Nasce a República: 1889-1894**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 76.

Partido socialista. Já nesta época as idéias de Marx e Engels penetravam marcadamente no Brasil o que se observou no II Congresso Socialista Brasileiro¹⁸.



Crianças operárias fotografadas em uma fábrica Paulistana em 1931.

Nesta época existiam duas correntes que se destacavam nos sindicatos: os Anarco-Sindicalistas, que defendiam a luta nas fábricas através da ação direta, e o Socialismo Reformista que buscava a transformação gradativa da sociedade, eram estas tendências que dominavam o sindicalismo Brasileiro no início do século XX, sendo marcante a presença dos Anarco-Sindicalistas.

Mostrou-se, nesta época a primeira tentativa por parte do Estado de controlar os sindicatos, como no congresso operário de 1912 onde o presidente da República Hermes da Fonseca foi eleito presidente Honorário do congresso operário, criando lideranças ligadas ao governo dentro de alguns sindicatos.

A Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa influenciaram bastante o sindicalismo brasileiro principalmente a tendência Anarco-sindicalista, onde se deflagrou diversas greves entre 1917 e 1920, dentre estas greves fazemos menção a primeira grande greve que se deflagrou em 1917 que assim Fernando Teixeira Silva relata:

A greve geral de 1917 foi uma convulsão operária sem precedentes, suas raízes estavam no trabalho fatigante perigoso e insalubre e das fábricas, mais principal reclamação dos grevistas era o custo de vida. Na falta de pão,

¹⁸ ANTUNES, Ricardo L. C. O que é sindicalismo. Pg. 49

“remediavam com saques os depósitos de farinha”, justificou o anarquista italiano Gigi Damiane. Enquanto isso, exportadores armazenavam gêneros de primeira necessidade à espera da alta dos preços no mercado internacional¹⁹.



Empregados do Cotonifício Crespi, em São Paulo, durante a greve geral de 1917.

No período entre 1919 a 1922, muita coisa ocorreu no Brasil. A crise no mundo moderno que se abriu com a Primeira Guerra Mundial, e veio ecoar através de três violentas rupturas: a revolta cultural, com a Semana de Arte Moderna que foi a ruptura da forma literária, plástica e musical; A revolta social, após um longo período de autocrítica, sobretudo na segunda metade de 1921, levando a fundação do partido comunista e reformulando a “caso de polícia” para um “caso de política”; e por último a revolta militar, disparando os canhões do Forte de Copacabana e trazendo dos campos da Escola de Realengo, a mocidade militar para a participação na vida política Nacional²⁰.

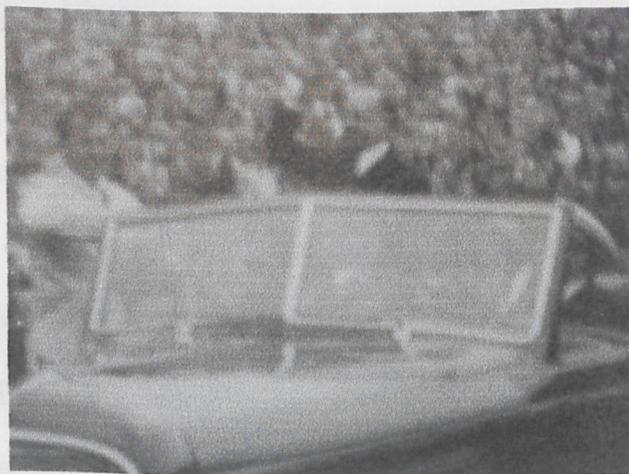
Após a Revolução de 1930, o governo Vargas procurou conter o operariado dentro dos limites do Estado, com o ministro do trabalho Lindolfo Collor, formando assim uma política entre o capital e o trabalho. Leôncio Basbaum assim define a política no governo Vargas em relação ao trabalhador:

¹⁹SILVA, Fernando Teixeira da. Onda de greves no mar da República. *Nossa História*. Rio de Janeiro: ano 2, nº 19. p. 52-55, Maio 2005.

²⁰ SILVA, Helio. *O levante da Escola Militar 1920-1922*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 76.

A política trabalhista do governo revolucionário se mostrou tão útil e eficaz em relação aos interesses das classes dominantes, que ainda hoje continua sobrevivendo a três constituições. Essa política logo posta em prática podia sintetizar-se em poucos trabalhos fundamentais: A liquidação da liberdade sindical, pois os sindicatos só podiam existir se desde controlados pelo Ministério do Trabalho que podia ou não reconhecer ou confirmar as diretorias eleitas; a criação do peleguismo sindical que antes de 1930, existia em alguns sindicatos, dirigentes que se vendiam aos patrões. Depois de 1930 surgiram os pelegos, que não eram mais instrumentos desse ou daquele patrão, mas do governo, a serviço dos patrões em geral²¹.

Em 1934 é fundada a Aliança Nacional Libertadora - ANL, dirigida pelo PCB Partido Comunista Brasileiro tendo a frente Luis Carlos Prestes, também é pelos trabalhadores em 1935 a Confederação Sindical Unitária, diante desta tentativa de organização dos trabalhadores o governo reprimiu e decretou a Lei de Segurança Nacional, onde proibiu o direito a greve e dissolveu a Confederação Sindical Unitária, tendo alguns meses depois colocado a ANL na ilegalidade onde os dirigentes optaram pela ação armada e foram duramente reprimidos.



Desfile de Getúlio Vargas em carro aberto na comemoração do dia do trabalho em 1944.

No dia 1º de maio de 1943 é criada a Consolidação das leis do trabalho - CLT, onde é apresentada como a legislação social mais avançada do mundo, regulamentando em seus 922 artigos o trabalho de várias categorias profissionais regendo disputas individuais e coletivas entre empregados e patrões, excluindo os trabalhadores rurais.²²

²¹ BASBAUM, Leôncio. **História Sincera da República**. São Paulo: Alfa-Omega, 1991.pg.30.

²² SILVA, Fernando Teixeira da. Onda de Greves no Mar da República. **Nossa História**, Rio de Janeiro: ano 2 nº 19. p. 52-55, Maio 2005.

As lutas sindicais só vieram a ressurgir em 1945, com o avanço nas lutas democráticas e anistia ampla a presos políticos. Houve ainda a legalização do Partido Comunista Brasileiro. No plano sindical com a substituição das lideranças pelegas por lideranças autênticas e representativas da classe operária²³.

A constituição de 1946 ampliou os direitos sociais, como salário mínimo, capaz de atender as necessidades do trabalhador e sua família, proibição do trabalho noturno para menores de 18 anos, assistência aos desempregados, obrigatoriedade da instituição, pelo trabalho, do seguro contra acidentes de trabalho, dentre outros benefícios.²⁴

Mas o governo Dutra, numa atitude antidemocrática, decretou a intervenção e suspensão das eleições sindicais em 1946 e em 1947, determinou a ilegalidade do PCB, cassando o mandato dos seus representantes no parlamento. Mesmo assim as greves continuaram uma constante dentro do movimento operário, observa-se que em 1951 houve quase 200 paralisações, atingindo um montante de 400.000 trabalhadores.²⁵

A luta sindical retomou no segundo mandato de Vargas e foi crescendo a cada ano, em 1960 realizou-se o III Congresso Sindical Nacional, e neste congresso houve a unificação de forças sob uma única organização nacional de luta sindical: O comando Geral dos Trabalhadores (CGT).²⁶ A CGT foi, durante o governo João Goulart, a maior expressão do movimento sindical Brasileiro, congregando diversas greves até 1963, onde houve a greve dos 700.000, que pretendia a unificação da data base dos acordos salariais, com o fim de evitar que fossem feitos reajustes em épocas diferentes para as diversas categorias que eram congregadas a CGT.²⁷

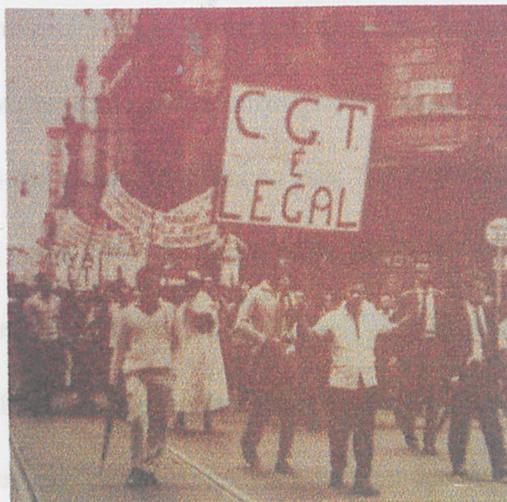
²³ ANTUNES, Ricardo L. C. O que é sindicalismo. p.65-66

²⁴ BRASIL. Constituição(1946). Constituição dos Estados Unidos do Brasil. Disponível em : «www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2010». acesso em 16 ago 2005.

²⁵ ANTUNES, Ricardo L. C. O que é sindicalismo . p.69

²⁶ A CGT era formada por lideres sindicais que tinha na suplencia o pessoal ligado a produção , esta organização tinha como objetivo combater o peleguismo das Confederações Nacionais, especialmente para a CNTI (Confederação Nacional dos Trabalhadores da Industria) que era dominada a decadas pelo pelego Ari Campista.

²⁷ ANTUNES, Ricardo L. C. O que é sindicalismo . p.70



Manifestantes no Rio de Janeiro em 1962.

Com o golpe de 1964, os sindicatos sofreram dura repressão, intervindo em diversos sindicatos, cassando e prendendo diversos dirigentes, o direito a greve é praticamente suprimido por parte da ditadura militar. A partir dos anos 70 a situação começa a mudar com as greves do ABC paulista em 1978 a 1980, que contrariando a lei de Segurança Nacional, os metalúrgicos promoveram diversas Assembléias e Greves.



Líder sindical Luis Inácio da Silva, Lula, carregado por grevistas em 1979.

Mesmo com a repressão do governo, cresce a atividade sindical e os sindicatos, ainda sob controle governamental, passam a ter maior autonomia, criando comissões e fundos de greves que não são previstos na CLT, neste novo sindicalismo esta é a base para a criação

²⁴ Além do PT e do CUT a partir de 1979 surgem novas centrais sindicais, como a Central Geral dos Trabalhadores (CGT), a força Sindical e a Federação Geral dos Trabalhadores.

²⁵ Nessa ocasião Sarney e Collor assinaram um acordo com o qual foi criada a Comissão de Conciliação e Arbitragem, negociada no Congresso.

dos Partidos dos Trabalhadores - PT e da Central Única dos Trabalhadores - CUT. Que vão participar ativamente no movimento de redemocratização brasileira na década de 80.²⁸

Com o movimento de redemocratização em 1985 assume o governo José Sarney, que chega ao governo após uma série de circunstâncias inusitadas. Era o líder do Partido Democrático Social (PDS) e encarregado pelo então presidente João Figueiredo de coordenar sua sucessão. Com a derrota no Congresso da emenda pelas eleições diretas em 1984, a oposição forma a Aliança Democrática, que reúne políticos de diversos partidos, para disputar os votos do Colégio Eleitoral. O PDS lança a candidatura de Paulo Maluf, outro nome importante do partido, o que leva José Sarney a se desligar da agremiação. Entra como vice na chapa de Tancredo Neves, representando a Frente Liberal, dissidência do PDS, e filia-se ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Tancredo é eleito, mas, às vésperas da posse, apresenta um grave problema intestinal, passando por muitas cirurgias. José Sarney começa a governar interinamente em 15 de março de 1985. Tancredo Neves morre em 21 de abril, e no dia seguinte, Sarney assume oficialmente o cargo. Empresta à sua administração o título de Nova República, que designava o programa da Aliança Democrática (formada pela Frente Liberal e pelo PMDB).²⁹

O governo José Sarney a Reforma Constitucional que começa com a revogação da legislação autoritária, onde a eleição direta para presidente é restabelecida, o voto dos analfabetos é aprovado, os partidos são legalizados e as intervenções nos sindicatos são suspensas, com isto os sindicatos ganham maior liberdade, esta liberdade é confirmada com a promulgação da Constituição de 1988.

No plano econômico o governo José Sarney lança o Plano Cruzado, onde muda a moeda vigente o cruzeiro para o cruzado, congela preços e salários por um ano e acaba com a

²⁸ Além do PT e da CUT a partir de 1985 surgem novas centrais sindicais, como a Central Geral dos Trabalhadores (CGT), a força Sindical e a Confederação Geral dos Trabalhadores.

²⁹ Neste contexto Sarney cumpre cinco anos de mandato, um a mais que o previsto na carta-compromisso da Aliança, negociada no Congresso.

correção monetária, o plano alcança bons resultados no início, mas com o tempo a economia fica desorganizada.³⁰ Ainda no governo Sarney é lançado o plano Bresser Pereira que congela os preços e salários, como também aumenta as tarifas públicas e extingue o gatilho salarial e mantém a moratória.³¹

Com a eleição de 1989, Fernando Collor de Melo é eleito presidente da República pelo voto direto e tenta implementar um rígido controle da inflação com o confisco monetário da poupança também coloca medidas para abrir a economia para a competição internacional, como também o enxugamento da máquina estatal com demissão de funcionários públicos.

No seu governo começam aparecer denúncias de corrupção encabeçadas pelo seu tesoureiro da campanha presidencial, Paulo César Cavalcante Farias. O escândalo atingiu diretamente o presidente quando seu irmão Pedro Collor de Melo, afirmou que Farias ficava com trinta por cento do dinheiro arrecadado, e o presidente com o restante. Criou-se uma Comissão Parlamentar de Inquérito, uma CPI, para investigar o chamado Esquema PC. O relatório final da CPI confirmou o envolvimento de Collor no esquema PC e um pedido de *impeachment* do presidente foi afastado do poder, sendo substituído pelo vice-presidente Itamar Franco.³²

A partir deste, como também nos governos subseqüentes, tem-se uma política neoliberal dentro do aspecto econômico, onde tanto no governo Collor como no governo FHC. Os trabalhadores representados pelos sindicatos perdem força devido à política econômica implementada, causando aumento do desemprego, este cenário é causado pela

³⁰ No último ano do governo Sarney a inflação dispara ultrapassando 80% em março de 1990. Sarney é sucedido por Fernando Collor de Melo.

³¹ Este plano não dá resultado no controle da inflação como também provoca perdas salariais para os trabalhadores como também provoca retaliação por parte dos governos estrangeiros pelo não pagamento da dívida externa.

³² SILVA, Helio. **A nova República** (1987-1992). Petrópolis: Vozes, 1998.p. 86.

reestruturação do Parque Industrial Brasileiro, devido a abertura do mercado brasileiro iniciado no governo Collor.³³

Ainda na administração de Itamar Franco é lançado o plano Real e continuado no governo FHC, que no período de lançamento do Plano era o ministro da Fazenda, o plano alcança bons resultados no tocante ao controle da inflação sem usar recursos de preços e salários congelados. Mas por conta de uso de novas tecnologias no campo e a busca no campo industrial por novos ganhos de produtividade, contribuem substancialmente para o aumento do desemprego.

No campo administrativo o governo FHC, é colocada em pauta a Reforma da Previdência onde é eliminada a instabilidade do servidor público aumenta a idade da contribuição previdenciária (de homens para 35 anos e mulheres para 30 anos).³⁴ No campo trabalhista são sancionadas alterações na legislação trabalhista no que concerne a flexibilização da jornada de trabalho.

No final do segundo governo FHC e início do governo Luis Inácio da Silva o mercado de trabalho brasileiro bem como os trabalhadores sofrem diversas transformações, exigindo mais organização por parte dos operários como constata Fernando Teixeira da Silva em seu artigo para a Nossa História:

Desde os anos 90 os trabalhadores enfrentam novos desafios, por conta da alta concorrência em escala global, liberação dos mercados, redução dos gastos sociais do estado e desmantelamento da legislação social. Em vários setores, sobretudo nos que empregam tecnologias da informação, o trabalho manual é cada vez menos necessário. Mas os atuais debates em torno das anunciadas reformas trabalhistas e sindicais estão aí para atestar que os trabalhadores e suas organizações ainda ocupam parte importante das agendas políticas.³⁵

³³ SILVA, Helio. **Os anos FHC (1993-1998)**. petrópolis: Vozes, 1998. pg. 22

³⁴ O congresso nacional, no entanto não aprova todas as medidas apresentadas pelo governo, como a exigência da idade mínima para aposentadoria no setor privado.

³⁵ SILVA, Fernando Teixeira da. **Onda de Greves no Mar da República. Nossa História**, Rio de Janeiro: ano 02 nº 19. pg 52-55, Maio 2005.

Portanto, com a eleição de Luis Inácio da Silva em 2002, sendo este ex-dirigente sindicalista dos metalúrgicos na década de 80, coube em sua agenda de campanha colocar em pauta as reformas de base que eram pontos cruciais para o seu projeto de governo.

E no primeiro ano do seu governo, Lula fez um esforço para mostrar para a opinião pública que a política econômica não iria mudar, onde todos os compromissos assumidos no governo anterior iriam ser mantidos, e ao final do primeiro ano do seu mandato o resultado foi (pelo menos para a classe empresarial) satisfatório como mostra Mariana Caetano, no Jornal "A Notícia":

Ironicamente, o presidente Lula da Silva superou o desempenho do segundo mandato do governo anterior no quesito política econômica. Era esse o foco de suas críticas a Fernando Henrique e ao candidato do PSDB, José Serra, durante a campanha eleitoral. E os rumos da política econômica parecem os mesmos. A melhora ocorreu também na avaliação das reformas e da política externa do governo, onde as notas atribuídas ao governo petista são maiores, se comparadas àquelas dadas aos oito anos de administração tucana. Os empresários ressaltaram que, embora a questão das reformas "tenha melhorado, ainda há muito mais a fazer."³⁶

Dentro deste contexto a reforma trabalhista, como também a reforma sindical que está dentro de sua plataforma de governo, não foi votada no seu primeiro ano de governo permanecendo em tramitação no congresso desde o governo FHC.

³⁶ CAETANO, Mariana. O desemprego é a marca no primeiro ano do governo de Lula. *A Notícia*, Santa Catarina. 29 fev. 2004. Disponível em «<http://www.uol.com.br/AN/2004/imformativo.html>. Acesso em 17 de ago. 2005.

2 SINDICALISMO NO RN E O INÍCIO DA ORGANIZAÇÃO SINDICAL DOS POLICIAIS MILITARES NO ESTADO

Com o início da Industrialização, já no começo do século XX no Rio Grande do Norte, começaram a surgir às primeiras formas de organização dos trabalhadores.

Como no Brasil, o sindicalismo no Rio Grande do Norte surgiu com as Sociedades Mutualistas onde os próprios trabalhadores se socorriam em caso de doenças, morte ou acidente. Estes tipos de sociedades ocorreram em diversos locais no país, e no Rio Grande do Norte a sociedade mais antiga que se tem notícia, foi à sociedade União Beneficente dos Artistas, que foi fundada em Canguaretama datado de 02 de fevereiro 1873.

Mas, já no começo do século XX, começaram a aparecer no Estado um outro tipo de organização do operariado que foram as Ligas Operárias que se diferenciavam das sociedades Mutualistas no que concerne o seu tipo de ação, pois as Ligas Operárias faziam reivindicações no tocante à condição de vida e do trabalho dos operários. A representante mais autêntica desse segmento no estado foi A Liga Artístico-Operária Norte Riograndense, onde tinha 106 trabalhadores associados³⁷.

Surgem as primeiras paralisações em 1892 e 1909, onde a greve começou a ser um instrumento de luta do trabalhador por melhores condições de trabalho acompanhando a tendência nacional onde no começo do século, as greves se tornaram intensas no país, se espalhando por diversos Estados. Assim a greve passa a ser um importante meio de reivindicação por parte dos trabalhadores.

Com a evolução da luta operária no Estado surgem os primeiros jornais operários, que na maioria das vezes estes jornais não têm muita condição de sobreviverem, e apesar do esforço dos operários, tinham curta duração.

³⁷ MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução à História do Rio Grande do Norte**. Natal: Cooperativa Cultural, 2002.pg238.

Em 1920 teve uma grande greve no Estado, feita pelos ferroviários da Great Western, este movimento se espalhou pelos estados da Paraíba e Alagoas onde havia ramais desta ferrovia, e também contou com o apoio dos trabalhadores da estrada de ferro Central do Rio Grande do Norte, que aderiram ao movimento³⁸.

Observa-se que as condições dos trabalhadores norte rio grandenses era semelhante aos trabalhadores dos outros Estados, no que concernem condições precárias de trabalho. E em 1923 teve outra greve desta vez dos estivadores do Porto de Natal, que reivindicavam melhores salários, este movimento teve também apoio de diversas categorias como os trabalhadores de transportes de cargas os padeiros e as operárias da fábrica de tecido, esta greve teve a participação do jornalista e advogado João Café Filho³⁹.

Através do estudo implementado notamos que houve grande mobilização dos trabalhadores da década de 20 do século passado no Rio Grande do Norte tanto no âmbito social como no político. Assim descrito por Denise Mattos Monteiro:

Pelos poucos e raros registros existentes, supõe-se que, o Partido Comunista do Brasil, em Natal, começou a se organizar em 1926, a partir de um grupo de sapateiros, liderados por um deles - José Praxedes. Em Mossoró, o Partido foi fundado em 1928 e nesse processo tiveram grande importância os irmãos Reginaldo, um deles- Raimundo Reginaldo- que “sintonizava-se com o discurso que atravessava fronteiras, trazendo os ecos da Revolução [Russa] de 1917”, Reginaldo havia liderado a criação da Liga Operária em Mossoró, em 1921⁴⁰.

É importante destacar o envolvimento dos operários com relação à fundação do Partido Comunista Brasileiro - PCB no Rio Grande do Norte, onde os trabalhadores buscavam no aspecto político uma melhor organização, e o PCB tinha uma linha ideológica de luta, no

³⁸ SOUZA, Itamar. **A República Velha no Rio Grande do Norte (1989-1930)**. Brasília: Senado Federal/Centro gráfico. 1989. p. 101.

³⁹ João Café Filho teve participação efetiva no sindicalismo Norte riograndense na década de 20, no final desta década, sendo perseguido por seus adversários e teve que se refugiar em Recife, vindo a retornar ao estado após a revolução de 30, sendo nomeado para o cargo de chefe de Segurança Pública, na interventoria de Bertino Dutra, em 1950 é eleito Vice-Presidente da República. Com a Morte de Getúlio Vargas, em 1954, torna-se Presidente da República.

⁴⁰ Monteiro, Introdução à História do Rio Grande do Norte. P.241-242.

aspecto nacional, identificada com o operariado por conta disso criam-se os primeiros núcleos no Estado organizados em Natal e na importante Região Salineira de Mossoró.

Apesar da mobilização dos trabalhadores, estes sofreram dura repressão por parte dos governos estaduais durante a década de 20 do século passado, um caso especial foi o do governo de Juvenal Lamartine (1926-1930) como descreve Itamar de Souza: *“Ele fez um governo criativo e inovador, porém muito violento. Apesar de ser formado em direito tinha, tinha um temperamento muito forte intransigente e personalidade autoritária, forjada na luta entre coronéis e cangaceiros”*⁴¹.

Por conta desta repressão até fins de 1930 só existiam três organizações sindicais legalmente reconhecidas no Estado, que eram: o Sindicato dos Auxiliares do Comércio de Natal, União dos Estivadores de Natal e Sindicato dos Estivadores de Areia Branca⁴².

Com a revolução de 1930, os trabalhadores e o movimento sindical entram em processo reorganização assim estimulada pelo clima favorável a prática sindical e pelo retorno dos exilados da grande repressão do governo anterior⁴³.

Os sindicatos foram institucionalizados, porém tornaram-se estritamente ligados ao governo, nos anos seguintes surgiram diversos sindicatos, onde ocorreram numerosas greves, onde os trabalhadores estavam, a princípio, “satisfeitos” com o aparente clima de apoio por parte do governo às organizações Operárias.

No período que compreende 1932 a 1933 na interventoria Herculino Cascardo⁴⁴, há criação da União Geral dos Trabalhadores em 1932, sob orientação do partido comunista, esta

⁴¹ SOUZA, Itamar. **Os Comunistas**. Diário do Rio Grande do Norte: DN Educação, Natal. Fas. 05, 1999. p 117.

⁴² FERREIRA, Brasília Carlos. O Sindicato do Garrancho. Mossoró: 2ª Ed. Dep Estadual de Imprensa. 2000, p 22.

⁴³ FERREIRA, Brasília Carlos. Trabalhadores sindicatos e Cidadania. São Paulo: Estudos e edições Ad Hominem; Natal: Cooperativa Cultural da UFRN, 1997. pg 212.

⁴⁴ É importante citar que no aspecto trabalhista, Herculino Cascardo foi o interventor mais progressista e neste ambiente haverá uma organização da classe trabalhadora sem a repressão que era característica do período anterior.

organização dos trabalhadores irá atuar à margem da legislação imposta pelo Ministério do Trabalho, entrando em confronto com os sindicatos oficiais.



Herculino Cascardo

Com o tempo surgiu o antagonismo, pois com a lei sindical formou dois blocos dentro do sindicalismo no Rio Grande do Norte os cafeistas liderados por Café Filho, que após ter voltado do exílio, era o chefe de Segurança Pública no Estado, tendo bastante influência em alguns sindicatos. Existiam também os comunistas, que eram formados por sindicatos independentes, influenciados pelo PCB que eram contra a legislação sindical imposta pelo governo⁴⁵.



Café Filho

⁴⁵ FERREIRA, Brasília Carlos. Trabalhadores sindicatos e Cidadania. Pg 213.

A partir de então Café Filho, passou de perseguido a perseguidor, pois os sindicatos ligados aos trabalhadores que se organizavam em torno do cafeísmo, passaram a usufruir da legalidade que envolvia a prática sindical, por outro lado, os sindicatos independentes foram aos poucos sendo perseguidos com a mesma intransigência do governo anterior a 1930⁴⁶.

Durante o período entre 1934 a 1935 as greves são uma constante no Estado do Rio Grande do Norte, sendo este o principal meio de luta empregado pelos trabalhadores, assim ocorreu no caso dos operários da estrada de ferro em Mossoró, como também de outras categorias como a dos Salineiros de Mossoró e Macau que decidiram entrar em greve.⁴⁷

Em 1935 diversas categorias fizeram paralisação como foi o caso dos empregados da companhia Força e Luz reivindicando reajuste salarial de 40% e jornada de oito horas e ainda melhorias de serviço de saúde prestado pela empresa. Outros trabalhadores fizeram paralisações no Estado como foi o caso dos motoristas de táxis, e no Auto Oeste uma greve dos ferroviários da Great Western que teve ramificações na Paraíba, Pernambuco e Alagoas.

Todo este cenário de greves, tanto no Rio Grande do Norte como em todo país, foi marcado pelas turbulências causadas pelo período do Governo Vargas, bem como no campo trabalhista, pela tentativa de atrelar os sindicatos ao governo. Em contrapartida setores sindicais ligados ao PCB não concordavam com a política sindical que estava sendo implementada pelo governo, que veio eclodir, em novembro do mesmo ano com o levante comunista.

Dentro desta perspectiva, com o fracasso do levante comunista tendo a participação do PCB e da Aliança Nacional Libertadora, os sindicatos ligados a ele foram suprimidos vindo a se restabelecerem em 1946. Mas plantaram as sementes não só entre os operários das

⁴⁶ Café Filho como chefe de segurança empenhou-se pessoalmente no combate aos sindicatos independentes, bem como tentar transformá-los em sindicatos oficiais.

⁴⁷COSTA, Homero de Oliveira. **A Insurreição Comunista de 1935: Natal o primeiro ato da tragédia**, Natal: Cooperativa Cultural, 1995. pg. 58.

fábricas e do comércio, mas também em setores militares que participaram do levante comunista.

A partir de 1950 muitas mudanças vão ocorrer no Rio Grande do Norte tanto no plano político como no plano social. No plano nacional se tem o retorno do populismo com Getulio Vargas, assim descrito por Marlene Mariz e Luiz Eduardo B. Suassuna:

O populismo é o modelo característico dessa fase, anos 40/50. Que sugere entre o poder e as classes sociais, bastante vinculado à intensificação do processo capitalista. Embora também esteja ligado a estrutura social urbana. O populismo também se apresenta na zona rural para os que não são proprietários e parece ser tática ideal para a adequação do contexto às circunstâncias da nova conjuntura.⁴⁸

No Rio Grande do Norte é eleito Dix-Sept Rosado Maia que assume o governo em 31 de Janeiro de 1951 e falecendo 5 meses depois vítima de um acidente aéreo, assumindo seu vice Sylvio Pizza Pedrosa, que já havia sido prefeito de Natal na interventoria de Ubaldo Bezerra, como também foi deputado estadual na constituição de 1947.⁴⁹

Em 1955 há um realinhamento entre as forças políticas do Estado onde passa por um acordo intermediado por Café Filho, que havia vindo no Estado, foram eleitos para o Senado Federal Georgino Avelino pelo Partido Social Democrático - PSD, e Dinarte Mariz pela União Democrática Nacional - UDN. E em 1955 são realizadas eleições para governo e o senador Dinarte Mariz é eleito Governador, porém governou o Estado até 1960, onde é eleito o deputado federal Aluizio Alves, após ter rompido com o governador que era liderança da UDN no Estado e ingressado no PSD tendo o apoio do presidente JK.⁵⁰

Observa-se que dentro desta conjuntura, a política no Rio Grande do Norte era dominada pelos setores oligárquicos e conservadores, de um lado o senador Dinarte Medeiros Mariz e do outro o Governador Aluizio Alves.

⁴⁸ MARIZ, Marlene da Silva; SUASSUNA, Luiz Eduardo B. **História do Rio Grande do Norte**. Natal: Sebo Vermelho, 2002. pg 345.

⁴⁹ Ibid.p.346.

⁵⁰ Ibid. p.349.

Aluízio Alves, na sua trajetória política, era ligado originalmente aos setores oligárquicos do Estado, e demonstra nas eleições de 1960, uma força modernizadora sendo esta uma nova mentalidade que se tentava impor no Nordeste brasileiro, como em vários outros estados do Brasil, este novo método de se fazer política: o Populismo, conseguiu se instalar no RN como estilo de governo, atendendo as pressões populares. O Rio Grande do Norte presenciou nas eleições de 1960, uma das mais acirradas campanhas políticas como analisa Patrícia Dias:

A campanha de Aluízio Alves, na busca pelo governo, desenvolveu-se num clima de muita agitação política, atingindo o clima de paixão política jamais visto no Rio Grande do Norte... Aluízio Alves, nesse sentido foi um inovador. Além de se comunicar muito bem com o seu eleitorado, utilizou todos os recursos disponíveis que estavam ao alcance para tornar-se o mais conhecido possível da população norte-rio-grandense.⁵¹

Assim os trabalhadores ligados aos sindicatos no RN tinham pouca representação política, já que o partido comunista encontrava-se na ilegalidade, mesmo assim o Partido Comunista apesar de estar na ilegalidade sobrevivia no Estado, através de figuras como a do médico Vulpiano Cavalcante e o professor Luis Maranhão filho.



Aluízio Alves

É neste período que na primeira metade da década de 1960, destaca a figura do prefeito Djalma Maranhão assim descrito por Maílde P. Galvão:

⁵¹DIAS, Ana Patrícia. **Eleição e marketing político**, disponível em: «<http://www.nexusonline.com.br/ccs/Revista/revista.asp>» acesso em 23 de ago. 2005.

Como terceira força aparecia à figura do prefeito Djalma Maranhão, político de esquerda, que denunciava, permanentemente, a interferência do imperialismo americano na vida nacional. Além de denunciar, Djalma incomodava com uma administração municipal democrata popular de esquerda, integrava com as lideranças comunitárias, e executava um programa de alfabetização e conscientização político cultural.⁵²

Com o golpe de 1964 o prefeito Djalma Maranhão foi Preso, e todos os seus colaboradores foram perseguidos, entre estes se encontravam líderes estudantis e sindicalistas e funcionários públicos e líderes do Partido Comunista Brasileiro.⁵³

O governador Aluísio Alves aderiu ao golpe militar em 1964, cumprindo todo o seu mandato, em 1966 elegeu seu vice, monsenhor Walfredo Gurgel, ao governo do Estado, no entanto, Aluísio teve seus direitos políticos cassados em 1969.

Assim todo movimento sindical que existia no Rio Grande do Norte como também no Brasil foi suprimido pela ditadura militar que só voltou a se reorganizar no final da década de 70, já no Estado, com governo de Lavoisier Maia, enfrentando este, uma greve dos professores estaduais.⁵⁴

Com a abertura política, respectivamente no final da década de 80, com a constituição de 1988, os trabalhadores Norte-Riograndenses, assim como os trabalhadores brasileiros enfrentam os dilemas das políticas neoliberais que são implementados pelo governo federal e acompanhadas pelo governo estadual que, continuam a ser colocadas em prática na década de 1990 no âmbito federal com governo Fernando Henrique Cardoso que durou oito anos (1992- 2002) e no âmbito estadual com o governo Garibaldi Alves Filho que durou os mesmos 8 anos de governo (1994 - 2002), estes governos enfrentaram diversas greves do funcionalismo público, estas greves do funcionalismo também voltam a ocorrer e início do século XXI no governo Luis Inácio Lula da Silva como também no âmbito estadual com o governo Vilma de Faria que se iniciam no mesmo período (2003).

⁵² GALVÃO, Maílde P. 1964. **Aconteceu em abril**. Natal: Clima, 1984. pg 02.

⁵³ Ibid. p.08 .

⁵⁴ MARIZ, Marlene da silva; SUASSUNA, Luiz Eduardo B. História do Rio Grande do Norte. p.373.

2.1 Criação da Associação de Subtenentes E Sargentos

Provavelmente dentro da conjuntura nacional houve uma transformação na organização dos trabalhadores bem como no contexto local, pois durante a década de trinta não só no Rio Grande de Norte mais em todo país, foi um período muito conturbado na política local e nacional.

Com o advento do levante comunista em 1935, em Natal, houve a participação de militares das forças armadas e alguns integrantes das policias militares como cita Homero Costa em seu livro: *Insurreição comunista de 1935, Natal o primeiro ato da tragédia*, onde há vários militares das forças armadas, como também alguns policiais militares que são condenados por “contribuírem” com o levante.

No começo de 1935, há uma greve da empresa de força e luz, onde major Josué Freire em uma carta enviada ao General da 7ª brigada, acusa o Interventor Mario Câmara e a Polícia Militar de serem coniventes com a greve da empresa de força e luz, a qual posteriormente é resolvida com uma comissão de conciliação composta de representantes do governo, trabalhadores e um representante do Ministério do Trabalho.⁵⁵

É neste clima que surge a Associação de Subtenentes e Sargentos da Polícia Militar sua data se dá em 12 de maio de 1936, poucos meses após o levante comunista de 1935, durante o Estado Novo, no governo do interventor Rafael Fernandes Gurjão. A fundação da associação é assim descrita pelo subtenente Júlio Ribeiro da Rocha:

A associação foi criada em 12 de maio de 1936, onde um grupo de 12 sargentos se reuniram no salão nobre da banda de musica do antigo quartel, localizado na atual Casa do Estudante, e fundaram a sociedade Beneficente dos Sargentos da Polícia Militar, tinha esse nome porque na época não havia subtenentes, eram só sargentos. Nos primeiros anos a associação funcionou em uma casa ao lado do quartel, anos depois foi para uma sala em um edifício do alecrim.⁵⁶

⁵⁵ COSTA, Homero de Oliveira, *A Insurreição Comunista de 1935: Natal o Primeiro Ato da Tragédia*, p. 58

⁵⁶ Júlio Ribeiro da Costa, entrevista concedida ao autor. Natal, 01 ago 2005.

Provavelmente a Sociedade Beneficente dos Sargentos da Polícia Militar foi fundada em 1936 mais só foi registrada em cartório em 30 de agosto de 1946, no 2º Ofício da cidade, como uma associação sem fins lucrativos. Tendo sido publicado em Diário Oficial no dia 09 de agosto de 1946, passando a se chamar Associação de Sargentos da Polícia Militar. Portanto dez anos após a reunião dos sargentos no antigo quartel da Polícia Militar, passando a existir legalmente a partir deste registro.

A partir deste contexto, pode-se dizer que a associação surgiu como as associações mutualistas do século XIX, onde cuja principal finalidade era o amparo do trabalhador associado em momentos de dificuldades. Ao que tudo indica, o principal objetivo da associação era parecido, onde os sargentos se organizavam para manter um caixa para os familiares caso ocorresse alguma coisa com o policial associado, mais tarde, com sua legalização, a associação se tornou um canal de comunicação entre sargentos e comando da corporação, no tocante as diversas reivindicações dos praças (sargentos, Cabos e soldados) , tendo também a função de propiciar um lazer para os policiais associados.

Com o tempo houve a construção de sua sede no Alecrim, na gestão do Sargento músico Monteiro, onde se encontra hoje o Clube Tiradentes, a construção desta associação e descrita por Júlio Ribeiro da Rocha:

Quando assumiu a presidência da associação o sargento Monteiro começou a fazer uma campanha, com muito esforço, comprou um terreno na avenida Presidente Bandeira, estalando o atual Clube Tiradentes, o terreno não tinha as dimensões do atual, para a construção da sede ele se elegeu por vários mandatos e contou com o apoio do coronel da cavalaria do exército Luciano Veras Saldanha. Que comandava a polícia militar na época da inauguração da sede. A sede foi construída com a ajuda dos cabos e soldados, depois ele conseguiu ampliar o edifício comprando uma casa vizinha.⁵⁷

⁵⁷ Júlio Ribeiro da Rocha, Entrevista concedida ao autor. Natal, 01 ago 2005.

Assim o Clube Tiradentes foi inaugurado em 15 de novembro de 1953 na administração do governador Silvio da Piza Pedrosa, que também em sua gestão havia entregado o quartel da Polícia Militar em Tirol e seu aparelhamento completo para funcionar.⁵⁸

2.2 Antecedentes da Greve da Polícia Militar em 1963

A Associação de Subtenentes e Sargentos participou efetivamente na greve da Polícia Militar em 1963, como articuladora diante dos soldados, cabos e sargentos, que eram os que mais sofriam diante da situação de crise política e social ao qual passava o país, que não só afetou a Polícia Militar do Estado, mas também vários setores do funcionalismo público.

No Rio Grande do Norte o governador era Aluizio Alves, e nas eleições de 1960 havia sido votado maciçamente pelos sargentos da Polícia Militar, pois acreditavam os sargentos que o mesmo iria mudar a situação salarial dos policiais, e esperavam que o comandante nomeado pelo governador Aluizio Alves: Luciano Veraz Saldanha, melhorasse a situação da PM, já que este coronel já havia comandado a Polícia Militar anteriormente e teria conseguido muitas realizações, como o novo quartel do Tirol.⁵⁹

Neste tempo o país passava por momentos de grande instabilidade política que se agravou com a renúncia do Presidente Jânio Quadros, e este clima de instabilidade se refletiu nos quartéis, com o relaxamento da hierarquia e disciplina.⁶⁰

Durante o governo de Aluizio Alves os policiais militares reivindicaram diversas vezes aumento salarial, devido à situação de inflação que o país sofria, mas o governador

⁵⁸ MARIZ, Marlene da silva; SUASSUNA, Luiz Eduardo B. História do Rio Grande do Norte. P.347.

⁵⁹ ROCHA, Júlio Ribeiro. *Cicatrices*. Natal: [s.m.], 1982. p. 10.

⁶⁰ FERREIRA, José de Anchieta. *Histórias que não estão na história*. 2ª ed. Natal: RN Gráfica e Editora. 1989. p. 180.

Aluízio alegava que não podia fazer nada pelo funcionalismo no que dizia respeito ao reajuste salarial. Pois sua bancada na Assembléia Legislativa era minoria, não tendo, portanto apoio dos deputados para os aumentos salariais dos funcionários públicos, em 1962 houve eleições para deputados da Assembléia Legislativa, Júlio Ribeiro no seu livro cicatrizes, que assim relata:

Vieram às eleições e o governo obteve maior numero de deputados. As esperanças dos sargentos eram reabilitadas. Estavam todos certos que melhores dias viriam. Nada, porém mudou para os servidores civis e militares, senão as constantes perseguições, das quais era vitima a Polícia Militar, bem como todo o funcionalismo civil. Os vencimentos se tornaram cada vez menores ante a inflação⁶¹.

Na época o presidente do clube dos Sargentos era o sargento Gil Xavier de Lucena, que havia sido eleito há pouco tempo como presidente da Associação de Sargentos, e era também diretor do "Grupo Renovador". Grupo este organizado pela assistente social da corporação Maria das Dores Costa, sendo composto de policiais militares de diversas graduações, o grupo tinha como objetivo de discutir os problemas da corporação, no tocante aos mais diversos problemas que afligiam seus membros, tais como: saúde, alimentação e o principal: a questão salarial. Este grupo levava as reivindicações ao comando geral da corporação para que fossem remetidas para o Governo do Estado afim de que fossem resolvido os problemas.⁶²

De tanto o Grupo Renovador pedir melhorias para a Polícia Militar o comandante da Polícia Militar Luciano Veras Saldanha, fechou a porta do seu gabinete para receber o grupo diante das suas reivindicações, já que este não podia fazer nada para serem atendidas.⁶³

A situação do comandante da PM era muito difícil, pois remetia as reivindicações da tropa e não era atendido pelo governador como mostra Júlio Ribeiro em seu depoimento:

⁶¹ ROCHA, Júlio Ribeiro. Cicatrizes . pg. 18.

⁶² FERREIRA, J de A. Op. cit., p. 180.

⁶³ ROCHA, Júlio Ribeiro. Cicatrizes. p. 20.

O coronel Luciano não tinha força perante o governador Aluízio, pois os seus reclames não eram atendidos. Até o momento que os sargentos começaram a fazer reiteradas reuniões no clube, juntamente com deputados aluizistas que mandavam documentos para o Cel. Luciano e este remetia para Aluízio, mas não dava em nada.⁶⁴

A situação começou a se agravar entre governo e policiais quando a polícia do Militar do Estado do Piauí entrou em greve, reivindicando reajuste salarial, e a Associação dos Sargentos da Polícia Militar do Rio Grande do Norte, em uma sessão extraordinária no dia 20 de agosto no clube Tiradentes aprovou um Manifesto de Solidariedade para a Polícia Militar do Piauí, o documento que foi expedido por telegrama sendo publicado na imprensa, pelo jornal "Correio do Povo", jornal este de propriedade de Dinarte Mariz, que na época era um forte opositor do governo Aluízio Alves.⁶⁵

Com isso o sargento presidente do Clube Tiradentes foi ameaçado de prisão pelo comandante da corporação, mas todos os diretores do clube se apresentaram para serem presos juntamente com o sargento Gil Xavier, o que levou o coronel Luciano a retroceder em sua decisão, além do mais o comandante percebeu, que estava perdendo sua autoridade diante da união dos sargentos entorno das reivindicações que não eram cumpridas.

Diante da situação que passava a polícia e percebendo que sua autoridade diante dos subordinados estava enfraquecendo, o coronel Luciano foi ao hospital da corporação para ter uma conversa com o sargento Gil Xavier, presidente da associação, passaram duas horas conversando e o coronel tentou a todo custo fazer com que o sargento atenuasse as reivindicações dos policiais, chegando até a lhe oferecer um curso de oficial sem exame de admissão caso o sargento desistisse de suas reivindicações perante o comando e o governo, Gil não aceitou, alegando ao coronel que era o presidente da associação e não poderia trair seus companheiros.⁶⁶

⁶⁴ Júlio Ribeiro da Rocha, entrevista concedida ao autor. Natal, 01 ago 2005.

⁶⁵ FERREIRA, José de Anchieta. . Histórias que não estão na história. p. 180.

⁶⁶ ROCHA, Júlio Ribeiro. Cicatrizes. p. 20.

Pela primeira vez, a partir do ano de 1963, percebe-se a mudança de caráter da associação, antes um clube de apoio para as famílias dos sargentos que se encontravam em dificuldades, passou a partir daquele momento a ser uma voz reivindicadora para os policiais principalmente os praças da corporação (sargentos, cabos e soldados), já que não havia na época outra associação de praças dentro da corporação. Outro fator é que a constituição de 1946 proibia, como a constituição atual proíbe, o direito do militar de fazer greve, assim a associação passou a ter a função de um sindicato não permitido no meio militar.

O motivo desta luta da associação era óbvio, a maioria dos policiais vivia em condições miseráveis na periferia da capital, o governo Aluízio Alves instituiu um abono que era dado aos funcionários públicos, além de ser pequeno, só poderia, no caso da Polícia Militar, ser gasto na cantina da própria Polícia Militar.⁶⁷ dificultando a vida dos policiais que eram do interior, pois não valia a pena eles virem para a capital, efetuar a compra na cantina, haja vista o valor irrisório do abono (um cruzeiro). Além do mais o pessoal da reserva da polícia só tinha direito a um terço deste abono.

Outro fator importante neste cenário era que a cúpula da corporação (os coronéis) estava descontente com o governador Aluízio Alves, já que de acordo com lei nº. 1.416 de 1955, do governo Silvío Pedrosa, era estabelecido que o coronel tivesse seus vencimentos equiparados com o juiz de primeira instância. Estabelecendo uma tabela proporcional para os demais oficiais da corporação, o que estava sendo descumprido no governo de Aluízio Alves.⁶⁸

Também existiam as perseguições para com os policiais no âmbito político, como ocorreu no caso do sargento Miguel Estelito de Souza, que, por ter o curso de enfermagem começou a prestar atendimento aos moradores mais humildes da cidade de Montanhas no RN, onde exercia a função de delegado da cidade, chegando a ser cogitado para concorrer a

⁶⁷ ROCHA, Júlio Ribeiro. Cicatrizes. p. 20.

⁶⁸ Ibid, p. 20.

eleição para prefeito pelo partido de oposição ao governo de Aluizio, ao ser informado do caso o governador mandou demiti-lo e recolhe-lo ao xadrez do quartel de Tirol em Natal, fato este na época que causou bastante repercussão no seio da tropa, chegando o sargento Miguel Estelito receber uma visita solidária de uma delegação formada por vinte e três sargentos da Aeronáutica no quartel da Polícia Militar.⁶⁹

Outra questão agravante era o desrespeito com profissão policial, que naquela época tenham vários tipos de problemas, tais como: falta de alimentação no quartel, pagamento de baixos salários, perseguição política, entre outros, causando, portanto um desprestígio da profissão policial dentro da sociedade Norte Riograndense.

Para se ter uma idéia do salário pago aos policiais, o subtenente da Polícia Militar (a graduação mais alta dos praças) era de Cr\$14.000,00 e o soldado, o mais prejudicado nestas circunstancias, era de Cr\$ 7.200,00, enquanto que o salário mínimo vigente na época era de Cr\$ 13.500,00.⁷⁰ esta situação foi assim relatada por Júlio Ribeiro em seu depoimento:

O terceiro sargento ganhava, na época menos de um salário mínimo e o soldado nem se falava, abria-se e fechavam-se novas turmas para soldado da PM e ninguém aparecia para se inscrever no curso de soldado, ser soldado da polícia, naquela época era sinônimo de mendicância (...). O corpo de oficiais abria e fechava, porque ninguém também queria ser oficial da PM.⁷¹

Verifica-se que toda a corporação estava descontente com a situação que estava ocorrendo do soldado mais moderno ao oficial mais graduado, mais os efeitos desta crise eram mais sentidos nas esferas menos graduadas da corporação, daí as reivindicações da associação de sargentos perante o comando e o governo que não as atendia.

⁶⁹ ROCHA, Júlio Ribeiro. Cicatrizes. p. 20.

⁷⁰ A ORDEM, Natal, pg. 8, 7 set. 1963

⁷¹ Júlio Ribeiro da Rocha, Entrevista concedida ao autor. Natal, 01 ago 2005

2.3 O Início da Greve

Chega o mês de setembro de 1963 e com ele a semana da pátria. Com isso a imprensa, mais precisamente o jornal “A Ordem”, que era de propriedade da Arquidiocese de Natal, pública no dia 07 de setembro de 1963, uma matéria de página completa sobre a crise salarial e social que assolava a Polícia Militar do Rio Grande do Norte, com o título: “Fome E Humilhação Na Polícia Militar”, dizia a matéria:

O título não mente: na Polícia Militar. Fome que precisa urgentemente ser saciada. Há chefes de família com nove dez filhos, ganhando pouco mais de sete mil cruzeiros. Dessa situação deriva uma série de problemas que ameaçam a corporação. É impossível manter e exigir de homens a quem não se paga nem ao menos o mínimo que a lei estipula, fidelidade às normas é mais que sua lei estipula, fidelidade às normas mais que a sua missão impõe. Os fatos falam mais que palavras: todos os dias há exclusão na Polícia Militar; o suborno é tentação irrecusável; frequentemente o policial se transforma em policiado.⁷²

Após o desfile de 07 de setembro a tropa foi dispensada no dia 08, vindo a se apresentar no quartel no dia 09, e no mesmo dia os sargentos convocaram uma reunião com todos os sócios para o dia seguinte às 20 horas no Clube Tiradentes para discutirem a situação da PM bem como tentar tomar uma atitude diante a situação.⁷³



Desfile dos policiais militares em 07 de setembro de 1963. Fonte: Jornal “A Ordem”.

⁷² A ORDEM, Natal, pg. 8, 7 set. 1963.

⁷³ Júlio Ribeiro da Rocha, entrevista concedida ao autor. Natal, 01 ago 2005.

O comandante da PM ao tomar conhecimento desta Assembléia Geral, tentou impedir colocando a tropa aquartelada sem poder sair do quartel. Mas foi aconselhado por um assessor que não fizesse isso, pois os sargentos estavam determinados, neste dia o expediente que era até às 18 h, se prolongou até às 20 horas.⁷⁴

Na assembléia os sargentos e subtenentes elaboraram um documento que era destinado ao governador Aluizio Alves no qual reivindicavam um reajuste de 100% de aumento salarial para os policiais militares. Os policiais na assembléia também decidiram que entregariam um documento ao comandante da corporação, avisando a este que aguardariam a resposta do governo com as atividades paralisadas (aquartelados).⁷⁵

Ficou confirmado através dos documentos estudados que, os diretores da associação como também o presidente do clube Tiradentes Gil Xavier de Lucena, foram os principais articuladores da paralisação da Polícia Militar em setembro de 1963, ante a situação como eram tratados pelo governo do Estado.

Na manhã do dia 11, os sargentos chegaram ao quartel, e logo convocaram todos os policiais a se reunirem no refeitório dos cabos e soldados, e determinaram ao corneteiro que o mesmo não tocasse formatura geral, tendo este acatado à ordem, e não obedecido o oficial de dia do quartel que mandou o mesmo efetuar o toque.

O coronel Luciano ao chegar ao quartel tomou conhecimento do ocorrido e dirigiu-se ao refeitório dos cabos e soldados, este encontro entre o coronel e a tropa aquartelada é assim descrito por Júlio Ribeiro da Rocha:

O coronel Luciano não tardou a chegar, quando o oficial de dia lhe fez ciência do que havia acontecido, e este se dirigiu ao cassino dos praças (cabos e soldados). Luciano ia pálido, sendo este um homem alto galego, olhos azuis. Quando entrou dentro do cassino os praças levantaram-se e os sargentos apresentaram a tropa e mostraram o documento dirigido ao governador pedindo vários direitos e ele respondeu: "já sei de tudo e não quero nenhum amotinamento, e quem conversar muita besteira aqui eu

⁷⁴ Júlio Ribeiro da Rocha, entrevista concedida ao autor. Natal, 01 ago 2005.

⁷⁵ A ORDEM, Natal, p. 8, 14 set. 1963.

convoco o Exército”. Quando o coronel terminou de falar todos os sargentos gritaram: “ pode convocar que a partir deste momento estamos paralisados.”⁷⁶

O coronel retirou-se do quartel e foi falar com governador sobre o movimento paredista e buscar uma situação para o problema. E os sargentos para evitar maiores problemas, haja vista o clima de tensão que estava instalado no quartel, decidiram recolher todo o armamento ao material bélico, a fim de evitar maiores problemas.⁷⁷ A partir daí os Policias Militares pararam todas as atividades, recolhendo no quartel todos os PMs que trabalhavam nas delegacias, na casa de detenção e na residência do governador.

A população tomou ciência da greve através do rádio, sendo este o meio de comunicação mais popular na época, que noticiou o movimento paredista da Polícia Militar, começando a chegar no quartel gêneros alimentícios que foram doados pela população para os policiais.⁷⁸

Assim, a greve da Polícia Militar o correu entre o dia 11 e 14 de setembro de 1963, e este episódio deveu-se aos inúmeros apelos dos sargentos ao comando como também ao governo do Estado, sendo estas reivindicações ignoradas por ambos, causando revolta da tropa diante da condição de penúria que seus integrantes estavam sofrendo.

Diante da greve deflagrada o governador Aluizio Alves enviou emissários ao quartel da PM, a fim de tentar convencer os policiais a voltarem ao trabalho como relata Júlio Ribeiro da Rocha: *Neste intervalo veio ao quartel mandado por Aluizio o deputado estadual Clovis Álvares Motta, irmão de Clovis Motta, que era deputado federal. Ficou rodeado de soldados, cabos e Sargentos, e falou: “se eu fosse Aluizio metia todo mundo no xadrez”.* Saindo do quartel da PM aos pontapés⁷⁹

⁷⁶ Júlio Ribeiro da Rocha, entrevista concedida ao autor. Natal, 01 ago 2005.

⁷⁷ FERREIRA, José de Anchieta. Histórias que não estão na história .p. 181.

⁷⁸ Júlio Ribeiro da Costa, entrevista concedida ao autor. Natal, 01 ago 2005

⁷⁹ Ibid.

O movimento paredista dos sargentos da Polícia Militar do RN obteve apoio de partidos de esquerda, de sindicatos, opositores do governo como também de várias organizações. Causando transtornos para estes movimentos, porque após o movimento grevista, várias pessoas foram indiciadas no Inquérito Policial Militar - IPM, dentre estas pessoas estava Evelim Medeiros, que era líder sindicalista, membro do Partido Comunista Brasileiro e exercia a função de Dirigente do Comando dos trabalhadores do Rio Grande do Norte.⁸⁰

Outro fato que fortaleceu mais o movimento grevista dos praças da Polícia Militar foi a adesão dos oficiais da corporação que foi comunicado aos sargentos pelo capitão Edmilson Holanda.⁸¹ Outro apoio importante ao movimento grevista veio do padre Manoel Barbosa, que era capelão da corporação. Devendo-se também destacar a ajuda expressiva da assistente social da corporação Maria das Dores Costa que auxiliou as famílias dos policiais que se encontravam em greve.

Diante do exposto houve uma tentativa de acordo entre governo do Estado e os policiais militares intermediado pelo General do Exército, Comandante da Guarnição de Natal, Omar Emir Chaves, que recebeu uma comissão de Oficiais e outra de sargentos da Polícia Militar, esta reunião com os sargentos foi assim descrita por Júlio Ribeiro da Rocha:

O general veio com uma proposta de 60% ou 70% a mais, que ainda se ia estudar, foi quando um companheiro nosso o sargento Antonio Batista Gomes, retirou do bolso um recorte do Diário de Natal dizendo que o estado estava com estouro de arrecadação e mostrou ao general, que ficou no mas, mas, mas... mas não tinha o que dizer, com isto o convidamos para ir ao quartel da PM, este disse que não ia pois tinha medo de ser desmoralizado, mas nós respondemos que a tropa que se encontrava aquartelada no quartel era disciplinada e cumpria as determinações, mas ele não foi.⁸²

⁸⁰ ROCHA, Júlio Ribeiro. Cicatrizes. p. 30.

⁸¹ Ibid. p.33

⁸² Júlio Ribeiro da Rocha, entrevista concedida ao autor. Natal, 01 ago 2005.

Por intermédio dos sargentos da Aeronáutica, através de um telefonema, os sargentos da Polícia Militar que se encontrava em greve, tomaram conhecimento na noite do dia 13 que o quartel iria ser cercado por tropas do Exército na madrugada da sexta feira dia 14 para depois ocupa-lo. Ficou decidido através de uma reunião no pátio do quartel presidida pelo padre Capelão Manoel da Costa, que fossem acatadas todas as ordens do Exército, caso este adentrasse no quartel da PM.⁸⁶

Na madrugada do dia 13, de dezembro, as tropas federais cercaram o quartel da Polícia Militar, as 6:00 horas da manhã um sargento do 16º Regimento de Infantaria entrava no quartel da Polícia Militar trazendo um documento do Comando Operacional para o coronel José Reinaldo Cavalcanti, intimando este a abandonar o quartel da PM, paralelamente, auto-falantes instalados na frente do quartel davam ultimatoss aos policiais que se encontravam no quartel, para que os mesmos abandonassem o quartel, dando um prazo de 20 minutos, sob pena deste ser bombardeado se não o fizessem.⁸⁷ O coronel comandante da operação chamou o oficial mais antigo da polícia que se encontrava dentro do quartel como também o subtenente mais antigo (que eram respectivamente o coronel José Reinaldo Cavalcante e o subtenente Alfredo Batista).⁸⁸ E indagou ao coronel Reinaldo sobre o material da Polícia Militar, o coronel corajosamente respondeu: “As nossas armas são a fome” e os dois apertaram as mãos.⁸⁹ Quando a tropa do Exército adentrou no quartel encontrou todo armamento da corporação trancado no material Bélico do quartel.

Os policiais militares se renderam sem nenhuma objeção, e logo após o general Omar Emyr Chaves, adentrou no quartel, e informou os policiais que iriam ficar presos por participarem do movimento paredista, dentre estes o general agrediu verbalmente o Padre

⁸⁶ Júlio Ribeiro da Rocha, entrevista concedida ao autor. Natal, 01 ago 2005.

⁸⁷ ROCHA, Júlio Ribeiro. Cicatrizes. p. 37.

⁸⁸ Ibid. p. 42

⁸⁹ A ORDEM, Natal, p. 8, 14 set. 1963.

Como a proposta foi rejeitada pelos policiais que estavam em greve, pois o general disse aos policiais que a proposta a qual o governador Aluizio Alves oferecia era de 70% (setenta por cento) inferior a que o movimento almejava, no caso de 100% (cem por cento).

Não chegando a um consenso, o governador Aluizio Alves decidiu então através do Ofício nº 315/CE, pedir apoio ao Exército para manter o policiamento na cidade. O que foi prontamente atendido, e a guarda da penitenciária foi guarnecida pela Polícia Civil.⁸³

Diante dos acontecimentos o governador Aluizio Alves mandou um telegrama ao Ministro da Guerra, doutor Abelardo Jurema pedindo para este ajuda para dominar os policiais rebelados este telegrama dizia: *“que os sargentos da Polícia do Militar Rio do Grande do Norte todos bem armados, amotinados com seus soldados em greve estavam sublevados pela política partidária, ameaçando toda Natal e inclusive ameaçando depor o seu governo”*.⁸⁴

Assim o Ministro da Guerra enviou ordens para se tomar o quartel da PM, mesmo sendo necessário o emprego da força. Provavelmente esta atitude foi tomada pelo ministro da guerra, não só pela quebra de hierarquia existente em uma corporação militar subordinada ao Exército como é o caso da Polícia Militar⁸⁵. Mas também em virtude do caos que estava no País, pois não só a Polícia Militar do Rio Grande do Norte estava com o movimento paredista. Mas também anteriormente havia ocorrido a greve da Polícia Militar no Piauí.

2.4 A Tomada do quartel da PM

⁸³ DIÁRIO DE NATAL, Natal, p.4, 13 de set. de 1963

⁸⁴ ROCHA, Júlio Ribeiro. Cicatrizes. p. 37.

⁸⁵ BRASIL, Decreto Lei nº 667, de 02 julho de 1969. reorganiza as Polícias Militares e os corpos de bombeiros Militares dos Estados dos territórios e do Distrito Federal e dá outra Providencias. In: SILVA, José Walterler dos Santos(Org). *Coletânea de Legislação da Polícia Militar do Rio Grande do Norte*, p.25